

PESQUISA EM HISTÓRIA: FATOS E MEMÓRIAS DA PRIMEIRA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE GRAJAÚ - MA

RESEARCH IN HISTORY: FACTS AND MEMORIES OF THE FIRST SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF GRAJAÚ - MA

Tainara Souza Pereira¹
Paulo Sergio Castro Pereira²

Resumo: O capítulo busca perceber o presente por meio do entendimento do passado e sua projeção para o futuro, considerando a relação entre a história e a cultura. Apresenta a educação básica como alvo de discussões e ações por grupos com interesses antagônicos, resultando na primeira Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961. Aborda como no Estado do Maranhão, a reconstrução da história da educação pública é desafiadora devido às múltiplas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Conhecer a trajetória educacional da primeira escola construída em Grajaú, os pioneiros da educação básica da cidade e a influência da educação tradicional e dos costumes populares. A pesquisa se apoia em fontes históricas como documentos, registros fotográficos e relatos orais de ex-alunos e ex-professores. Enfatiza que a recuperação da memória da fundação da escola a partir dos relatos orais, é importante para valorizar as fontes documentais e registrar a história do município. Reflete sobre a influência da escola e do sistema de ensino da época na educação atual de Grajaú.

Palavras-chave: História. Cultura. Educação. LDB. Maranhão.

Abstract: The chapter seeks to understand the present through the study of the roots of the past and its projection into the future, considering the relationship between history and culture. It presents basic education as the target of discussions and actions by groups with antagonistic interests, resulting in the first Law of the Guidelines and Bases of National Education in 1961. It addresses how in the State of Maranhão, the reconstruction of the history of public education is challenging due to the multiple transformations political, economic, social and cultural. Knowing the educational trajectory of the first school built in Grajaú, the pioneers of basic education in the city and the influence of traditional education and popular customs. The research relies on historical sources such as documents, photographic records and oral reports from former students and professors. It emphasizes that the recovery of the memory of the foundation of the school from the oral reports is important to value the documentary sources and record the history of the municipality. It reflects on the influence of the school and the education system of the time in the current education of Grajaú.

Keywords: History. Culture. Education. LDB. Maranhão.

1- Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (PARFOR) – Grajaú. Professor da rede Municipal araujosáwelinton@gmail.com

2- Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil, (2008). Professor da Universidade Federal do Maranhão. Diretor Colégio Universitário – Colun (UFMA). ORCID: 0009-0004-7926-2392. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3768876840208818>. E-mail: paulo.castro@ufma.br

Introdução

A pesquisa histórica tem como objetivos o conhecimento do presente com base no estudo de suas raízes no passado e a projeção para o futuro. Nosso pressuposto é de que não se pode conhecer o presente em sua totalidade sem que se compreenda a relação entre a história e a cultura (DE TOLEDO e BARBOZA, 2017). Dessa forma, estudar documentos, entrevistar pessoas, buscar registros fotográficos embasam uma pesquisa histórica que auxiliam na resposta de alguns questionamentos sobre educação, cultura e costumes.

O debate sobre a educação básica se reacendeu entre determinados grupos com interesses antagônicos no âmbito das elites intelectuais e econômicas, manifestando-se através de publicações e ações como a escola brasileira e a estabilidade social (1957), de Anísio Teixeira, o Manifesto de Educadores ao Povo e ao Governo, em 1959 (1), e a Campanha em Defesa da Escola Pública (estatal) em 1960, que resultariam em 1961 na aprovação da primeira Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 4.024/61, prevista pela Constituição Brasileira de 1946 (AQUINO, 2016).

Com base nisso, percebe-se que a sociedade sofreu muitas transformações por meio das influências da globalização que possibilitou moldar as metodologias e currículos, tais aspectos trouxeram resultados positivos e negativos para educação. Com essas mudanças, deu-se início as tendências pedagógicas, que possui suas próprias características com o intuito de melhorar o processo de aprendizagem nas escolas, porém atualmente no âmbito de muitas instituições públicas ainda é marcante as características arcaicas de ensino baseadas na memorização e professores sendo o único portador do saber (DA SILVA, 2016).

Reconstruir os passos da educação pública em solo maranhense em suas tentativas de organização e institucionalização é uma tarefa complexa devido às múltiplas transformações e fatores que a cercam sejam eles políticos, econômicos, sociais ou culturais. Esta atividade torna-se ainda mais desafiadora se esta reconstrução for elaborada por meio da análise de fontes históricas que ao serem produzidas em um contexto específico, retratem as formas veladas ou não que este campo foi sendo estruturado, demonstrando ainda, o papel que a educação ou simplesmente o ensino foi assumindo em uma Província/Estado onde, a exemplo de outras, a escolarização era considerada um privilégio de poucos e que com o advento republicano ressalta-se a sua importância para a consolidação de um país democrático e igualitário para “todos” (CASTRO, 2017).

Com base no exposto acima o presente trabalho busca solucionar questionamentos dos meios que conduziram a educação do município aos dias atuais, sobretudo na área de História. A partir dessa premissa, foram elencadas três razões para realização deste trabalho: 1) Conhecer a trajetória educacional da primeira escola construída no município de Grajaú; 2) Conhecer os pioneiros da educação básica da cidade analisada; e, 3) Como a educação tradicional e os costumes populares influenciavam no período da fundação da escola e seus reflexos no ensino atual.

Tais constatações possibilitaram reflexões sobre a importância de se buscar respostas diante das mais diversas fontes históricas disponíveis no município, partindo de um levantamento bibliográfico acerca da pesquisa histórica sobre educação no Brasil e no Maranhão para embasarem os caminhos a serem seguidos durante a construção deste texto. Além disso, a oralidade, como contribuição dos relatos de memória dos sujeitos que vivenciaram estes momentos históricos da educação, sendo eles, ex-alunos e ex-professores, considerando que há uma escassez de estudos nessa vertente de pesquisa, demarcando uma lacuna na história da educação do município.

A necessidade de se buscar respostas para a história educacional do município, uma história com lacunas, uma história que se esconde nas memórias vivas e que precisa ser registrada, para que não se perca com o tempo, levando assim, parte da história de um povo. Nesse sentido, a recuperação da memória da Fundação da Primeira Escola e seu sistema de ensino a partir dos registros das experiências daqueles que fizeram parte e viveram o momento histórico do início se configurou como a base desta pesquisa, visando retratar a trajetória histórica, a ver dos relatos orais, valorizando-os como fontes documentais valiosas que, se

não forem ouvidas e escritas, se perderão com o tempo, descobrindo um passado inerte para muitos que sempre viveram no município, mas desconhecem sua história. Com este trabalho objetivou-se conhecer a história de fundação da primeira escola do município de Grajaú – MA e o sistema de ensino empregado na época através das memórias vivas, que compartilharam e fizeram parte desse momento histórico, a fim de possibilitar uma reflexão sobre a influência dessa escola e desse sistema de ensino da atual educação do município.

Pesquisa em história: a história em suas diferentes vertentes memoriais e educacionais

As pesquisas na área de História atualmente constituem um vasto campo de investigação que nos possibilita buscar respostas até então desconhecidas, onde o homem informa seu universo, tornando a comunicação possível e acessível a todos (FONTOURA et al., 2013). Essas pesquisas têm crescido bastante, estudantes estão aguçados em descobrir fatos históricos, pois o que move os dias atuais está entrelaçado com o passado através da história, que revela muito sobre os antepassados e como os mesmos viviam e desenvolviam o meio a qual estavam inseridos (OTTO, 2015).

Esse campo de pesquisa vai muito além de meros objetos do passado ou documentos redigidos há muitos anos, partem a partir da compreensão e busca pela verdade que por vezes se escondem nas mais ricas fontes não bem estudadas, as memórias. Compreender a história e transmiti-la não é uma tarefa fácil, por esta razão os pesquisadores devem buscar o que está além da visão e relatar o que as pesquisas mostram e não o que gostariam que a história contasse (APPIO et al., 2017).

Quando se pesquisa a história, torna-se sujeito desse processo, é necessário incorporar o pesquisador impessoal para o êxito da pesquisa, demonstrando imparcialidade e responsabilidade (SILVA et al., 2011). Amplas abordagens sobre as pesquisas em História revelam que as diversidades deste campo são amplas e ricas. As pesquisas implicam em mostrar que os acadêmicos estão empenhados em buscar respostas para o presente, que diretamente está ligado com o passado, pois uma pesquisa detalhada pode revelar conceitos e modos de vidas até então desconhecidas pela sociedade atual, revendo o significado de identidades e histórias (FERREIRA, 2009).

O homem possui a capacidade de apreciar e analisar imagens e fontes através do conhecimento e sensibilidade, tornando-o capacitado a buscar respostas para os questionamentos cotidianos, pois convive com a constante aprovação ou negação nas formas de compreender e relacionar o mundo em que vivemos. Passando de meros expectadores críticos, participantes e exigentes diante da leitura de textos, imagens, cidades, rostos, gestos, cenas, pintura, a conhecedor da história, através de pesquisas detalhadas e coerentes (RUBIM & OLIVEIRA, 2010).

Procurar compreender e identificar as fontes é fundamental para uma excelente pesquisa na área de História, por esta razão Padilha e Nascimento (2015, p.132) relatam em seu trabalho que:

[...] as fontes históricas são produções humanas, produzidas intencionalmente, ou não, deste modo todo o historiador deve confrontar as fontes históricas relativas a um mesmo acontecimento ou a uma mesma época, pois, essas fontes divergem, não apenas na avaliação, mas até na descrição dos fatos. Destacando que, independente do referencial escolhido, o pesquisador em história e história da educação deve ter o compromisso para com a história da humanidade, de maneira a contribuir para com aqueles que dela estejam excluídos (2015, p.132).

Os autores enfatizam a importância de buscar a história verdadeira a partir de vários fatos ou fontes da mesma história, onde o confronto é necessário para uma escrita verdadeira e que não beneficie quem não merece e inclui os que realmente dela fizeram parte.

Dessa forma, o estudo de um período histórico contribui de maneira excepcional no entendimento de mundo, caracterizam aspectos relativos à dinâmica evolutiva e contextual de um particular campo do conhecimento, além disso, as investigações que analisam resultados de pesquisa associadas ao campo educacional a partir de fontes escritas parecem estar constituindo uma tendência crescente na área de História (QUEIRÓS et al., 2009).

A razão nos conduz a múltiplas formas de conhecimento das mais diversas tendências pesquisadas na área de História, onde os pesquisadores buscam respostas e significados através dos mais diversos mecanismos disponíveis, buscando escrever pesquisas detalhadas que mostrem a verdade sob uma exatidão concreta (ALVES, 2012).

O pesquisador que se propõe a buscar e compreender a história para assim enriquecer ainda mais a educação de seus pais, deverá primeiramente compreender que a história está entrelaçada com questões culturais e religiosas, cada povo tem seu saber próprio, e que a história tem significados e rumos diferentes, dependendo de onde e quem a conta (BICA, 2012)

A memória sempre será uma fonte inesgotável de conhecimento e novas descobertas em (1984, p. 9) Nora disse que:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções [...].

Buscar as memórias como fonte de pesquisa é resgatar histórias vividas, mas que podem mudar de acordo com o meio a qual foram inseridas.

A memória busca situar o presente sobre acontecimentos de um passado distante ou recente para aqueles que o desconhecem, reconstituindo histórias e trazendo à tona memórias, memórias que poderão trazer toda a sua carga emocional e afetiva dependendo de quem as conta e se a memória viva tem vínculo com o acontecimento ou se faz parte da comunidade/grupo à qual se deu o fato, cabendo ao pesquisador averiguar várias fontes até se concretizar determinada pesquisa (SANTOS, 2007).

Nos dias atuais a história tem se voltado muito para as memórias, que durante um tempo foram caladas pelas opressões sofridas durante a Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985), mas com a liberdade retomada, voltaram a falar e a historiografia foi enriquecida. Memórias individuais ou coletivas são uma riqueza inigualável e que precisa ser buscada e escrita, pois com o tempo elas se vão juntamente com os corpos (DELGADO & FERREIRA, 2013).

Dentro da história tudo é história, depende de quem a busca e de quem a conta, mesmo sendo uma memória, deve-se ter o cuidado em averiguar a veracidade das informações, checando outras memórias ou mesmo outros objetos históricos, compreendendo que as memórias podem se confundir ao passar do tempo, cabendo ao pesquisador saber analisar as fontes encontradas e contar a veracidade dos fatos apurados (MAGALHÃES, 2007).

Pesquisar e compreender a história não é uma tarefa fácil e requer muita dedicação e compromisso, é importante saber distinguir o que é uma memória coletiva e uma memória vivida. A memória coletiva é algo mais amplo e compartilhada por muitos ou por uma comunidade/grupo com a mesma intensidade, quando já se encontra noticiada ou escrita; A memória vivida é aquela em que se viveu de perto, presenciou os acontecimentos, podendo compartilhar sua vivência dentro daquele contexto histórico único (COSENTINO, 2013).

As memórias individuais e coletivas não ficam distante uma da outra por muito tempo, em um determinado momento da história elas irão se encontrar, um encontro que tem o objetivo de desvendar fatos ocorridos no passado, criando elos que se conectarão em busca de

uma verdade retida nos pensamentos de grupos/comunidades que vivenciaram determinado acontecimento individual, mas que a união se faz necessária na construção de uma história verídica e que contemple a todos (DEGLINOMINI, 2014).

As fontes orais até os dias atuais ainda causam questionamentos entre pesquisadores; questionamentos que vão desde a contestação da memória como fonte histórica até a indução dos pesquisadores a determinadas respostas, o que acabaria distorcendo a realidade da história. Por isso, a importância de se buscar além da memória individual, a coletiva, ambas se juntando em busca da veracidade dos fatos (BARROS, 2009).

Que as entrevistas podem se tornar intencional, quando se elabora perguntas direcionadas, causando respostas induzidas. Quando na realidade as perguntas servem apenas como um roteiro que deverá ser seguido e parasse dar início do diálogo, deixando o entrevistado à vontade para expor suas lembranças do modo que achar melhor, a entrevista é um momento especial de se ouvir e conversar tranquilamente (VENSON e PEDRO, 2012).

Os historiadores não devem se deixar seduzir ou emocionar por um querer próprio ou por benefícios comunitários, não poderá se deixar conduzir ao erro pensando está fazendo um bem cultural, quando na realidade está enganado a história, compreender a relação entre patrimônio cultural/memória e historiografia é fundamental para não se cometer erros que comprometam a história de toda uma sociedade (SANTIAGO JUNIOR, 2015).

Estudar e compreender o desenvolvimento educacional de um município, é compreender como se deu a formação da sociedade que ali se formou no passado e deixaram seus legados de cultura e saberes, estudar esse desenvolvimento em nosso município, é reconhecer nossas próprias identidades e formação social dentro de um contexto histórico e único (GUEDES JUNIOR, 2011).

O desenvolvimento inicial de um determinado local deixa, vestígios e histórias através das mais diversas fontes, o desenvolvimento educacional de um povo é um fator primordial para se compreender o presente, assim cabe aos pesquisadores e historiadores buscarem essas fontes e explicarem a sociedade, os modos de vida e costumes que antecederam os mesmos (OLIVEIRA, 2013).

Compreender a formação educacional de um determinado local e a formação de seu povo é fundamental para construção de nossas identidades, sejam elas pessoais ou culturais, compreender a história é nos compreender, conforme Valença e Reis (2015, p. 266):

[...] é necessário ouvir e dar voz às pessoas idosas para que elas possam revelar suas histórias, experiências do que viveram e as expectativas do que ainda está por vir. Esta narrativa da memória e histórias de vida das pessoas idosas é fundamental para a construção de sua própria identidade, e para que outras gerações possam aprender com suas experiências de vida.

Os autores reafirmam a importância de ouvir os mais velhos, compreender o mundo através de suas vivências, os mais velhos nos ensinam modos de vida e culturas até então desconhecidas e esquecidas.

Fatos e memórias da primeira escola do município de Grajaú-Ma

A pesquisa foi realizada no município de Grajaú, localizado na região centro sul do Maranhão. Sua população, de acordo com a estimativa populacional de 2016, era de 68.458 habitantes a 580 km da capital do Estado e uma área de 8.842, 782 km² (IBGE, 2016).

A educação de Grajaú ganhou um grande impulso nos últimos 15 anos, desde a fundação do primeiro polo universitário (Universidade Estadual do Maranhão – UEMA), trazendo dois cursos riquíssimos á Grajaú (Enfermagem e Zootecnia), recebendo estudantes de todo Brasil

para estudar em Grajaú. Anos depois vieram as Faculdades particulares, Universidade Federal do Maranhão e Instituto Federal do Maranhão – IFMA. Grajaú se tornou um polo Universitário e referência em educação, por esta razão, há a importância de se buscar as raízes da educação local para se conhecer todo o desenrolar educacional desta cidade, conhecer o passado para assim compreender a formação do presente, pois uma sociedade moldada em um ensino de qualidade se torna referência para o futuro.

As entrevistas foram realizadas no período de agosto e setembro de 2019, com a utilização de um questionário Apêndices I (com 10 questões), um celular (para gravar e tirar fotos), lápis, caneta e caderno para as devidas anotações, fotos, vídeos e gravações foram realizadas com a permissão dos entrevistados.

Realizou-se um levantamento junto a biblioteca Municipal, Secretária de Educação, Catedral Nosso Senhor do Bonfim, Escola Urbano Santos e Academia Grajauense de Letras em busca de mais informações sobre a história da primeira escola fundada e de seu desenvolvimento educacional, procurando documentos, fotos ou quaisquer outras fontes históricas que retratassem o início e como era o sistema de ensino dentro dessa escola.

O referido trabalho está caracterizado de forma qualitativa e quantitativa. Quantitativa porque se trabalhou com 04 memórias vivas de três bairros de Grajaú e qualitativa porque se desenvolveu o trabalho basicamente através das percepções e memórias dos estudantes que fizeram parte da primeira escola da referida cidade.

Os dados foram analisados e expressos em percentuais, utilizando o programa Microsoft Excel ®.

Sujeitos da pesquisa

As entrevistas foram realizadas nas residências de cada entrevistado, um contato prévio foi feito para a devida permissão para a entrevista, marcando horários para nos receber, onde pude contar com a ajuda de uma amiga de turma para tirar as fotos e gravar enquanto eu conversava com o entrevistado (a).

Todos os entrevistados possuem entre 70 e 95 anos, moradores dos bairros: Centro, Trizidela e Canoeiro, por se tratarem dos primeiros bairros a se formarem dentro da cidade de Grajaú, totalizando 4 memórias vivas de Grajaú.

Sentar e ouvir as histórias de lutas e conquistas dessas pessoas que vivenciaram um marco riquíssimo da história dessa cidade foi deslumbrante, pessoas que vivenciaram e fizeram parte do ensino da primeira escolar do município, contando as dificuldades da época, a dedicação dos estudantes e rigidez dos professores faziam a diferença na qualidade do ensino, um ensino que visava o sucesso profissional e pessoal dos alunos.

Para uma melhor transcrita da pesquisa, se utilizou abreviações (Mr – Memória) para cada memória entrevistada, ficando assim:

Mr1: Raimundo Assumpção Cunha, Bairro Centro, 92 anos.

Mr2: Anna de Sousa de Sousa, Bairro Trizidela, 84 anos.

Mr3: Aécio Coelho Lima, Bairro Canoeiro, 70 anos.

Mr4: José da Silva Sousa, Bairro Canoeiro, 78 anos.

Resultados e discussão dos mesmos

A educação grajauense já passou por grandes transformações como foi descrito nos documentos transcritos acima e como será revisto na fala dos entrevistados abaixo, pessoas que vivenciaram o início e acompanharam o desenrolar desse processo educacional.

É importante salientar que a primeira escola fundada no município era particular (como no registro acima), comandada pelos padres, por esta razão se fez o seguinte questionamento: Como foi o processo para estudar na referida escola? Você/seus pais pagavam pelos seus estudos? Quanto? (Tabela 1).

Tabela 1. Como se fez para iniciar os estudos

Mr 1	“Fazia matrícula só a partir do 1º ano e pagava 3 mil réis, hoje esse valor é de 0,30 centavos”.
Mr 2	“O pai pagava a professora para ensinar na fazenda, ela ficava alojada na fazenda e os fazendeiros se reuniam e pagavam para seus filhos estudarem”.
Mr 3	“Não cheguei a estudar no particular por condições financeiras, estudava na fazenda e só fui pra escola quando abriu a pública”.
Mr 4	“A escola era paga e não pude estudar lá, estudava na fazenda e fui estudar já grande na escola pública”.

Percebe-se que estudar nos anos 40 não foi uma jornada fácil, os pais que tinham um poder aquisitivo mais elevado colocavam seus filhos na escola particular, os que ficavam mais distantes, nas fazendas se juntavam e pagavam uma professora particular, quem não tinha condições ficava sem aprender, até a chegada da escola pública.

Assim, Silva (2018) diz que: “A importância de estudar e, conseqüentemente, ensinar história está envolta, sobretudo, na busca pelo pertencimento dos indivíduos a um grupo social, de modo a procurar encontrar e reconhecer a sua identidade histórica, social e cultural no tempo-espaço [...]”

Compreender a formação educacional de um povo é compreender nossa existência como indivíduos históricos e sociais.

Depois de questionado aos sujeitos da pesquisa sobre o processo de ensino para estudar na referida escola, foi hora de saber a idade que cada um começou a frequentar a escola e se já sabiam ler, por isso se fez a seguinte pergunta: Quantos anos tinha quando começou a estudar na escola? Já sabia ler? Quem ensinou?

“Seis anos, já sabia ler, aprendi em casa com meus pais no ABC e cartilha, eles eram muito rígidos e a hora de estudar era sagrada” (Mr1).

“Sete anos, já sabia ler, aprendi na fazenda com a professora e meu pai ainda ensinava a noite” (Mr2).

“Oito anos, já sabia ler, meu pai colocou uma professora na fazenda para eu poder ler” (Mr 3).

“Oito anos, já sabia ler, tinha uma professora que ensinava na fazenda perto da fazenda do meu pai, aí eu ia para lá, meus pais e os outros fazendeiros pagavam, era o dia todo de aula” (Mr 4).

Compreendendo assim o compromisso que os pais tinham com seus filhos, que mesmo sem escola, se empenhavam em ensinar (os pais que sabiam ler) e os que não ensinavam e tinham condições financeiras pagavam alguém para ensinar, apesar de todas as dificuldades, encontravam maneiras de disciplinar e educar os filhos.

A Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante. (BARROS,2009, p. 37).

Memórias essas que contribuem diretamente para a construção de nossa história, que por vezes são silenciadas juntamente com seus donos, cabendo aos pesquisadores a busca pela verdade nas memórias vivas.

Quando e por quem a escola foi fundada e como eram essas escolas?

É importante conhecermos os fundadores de uma escola e quais eram seus objetivos, para assim compreendermos melhor como se deu esse início do processo educacional no município, por esta razão se fez a seguinte pergunta: Você sabe quando a escola foi fundada e por quem? Qual era o objetivo de quem a fundou em Grajaú? (Tabela 2).

Tabela 2. Fundadores da primeira escola de Grajaú – Ma

Mr 1	“Pelos frades Capuchinhos em 1922, seus objetivos eram que os alunos aprendessem aqui e saíssem para estudar fora, adquirir mais conhecimento”.
Mr 2	“Não, só sei que foram os padres que trouxeram a primeira escola particular para Grajaú e que o Urbano Santos foi o primeiro pública”.
Mr 3	“Não sei fala porque eu morava na fazenda e quando eu vim a Grajaú as escolas já existiam, tanto a particular quanto a pública”.
Mr 4	“Sei que foram os padres que fundaram a primeira, mas não estudei na mesma, já fui estudar na pública, mas todos queriam que nos saíssemos bem e fizéssemos faculdades em outras cidades”.

Percebe-se que apenas a memória do Mr 1 lembra do ano em que a escola foi fundada em Grajaú, os demais têm lembranças vagas, pois estavam em meio a esse processo, porém não estudaram na mesma, onde somente a memória Mr 1 estudou na mesma.

“Os estudos eram difíceis para quem não tinha dinheiro. Nos bairros Centro e Trizidela haviam as aulas particulares, nas próprias casas dos professores, não emitiam certificados, mas ensinavam a ler e as quatro operações” (Mr 4).

A memória é rica em suas infinitas dimensões, cabendo aos historiadores buscarem sua veracidade dentro da história, uma história que poderá se divergir dependendo do meio ao qual está inserida.

Conhecer as raízes educacionais de um município através da primeira escola é fundamental para se compreender o presente, compreender como era essas primeiras escolas e seus sistema de ensino para uma melhor compreensão da história e das escolas atuais, por esta razão se fez a seguinte pergunta: Como era a escola?

“Era tudo separado, masculino e feminino, depois se dividia por serie. As meninas que vinham de outros lugares ficavam internas, só retornavam para suas casas de quinze a trinta dias (que normalmente eram filhas/filhos de fazendeiros), as freiras tomavam conta delas” (Mr 1).

“Apesar de eu não ter tido contato com as referidas escolas, o ensino em si da época era rígido em todos os ambientes, meus pais falavam dessas escolas e como eram rigorosas, muita disciplina por parte de todos” (Mr2).

“Era uma escola enorme, todos queriam estudar lá, mas somente quem tinha dinheiro poderia estudar, os demais tiveram que esperar pelas públicas” (Mr3).

“Era uma escola bonita e desejada por todos, diziam que a disciplina de lá era seguida à risca, não estudei lá, mas conheci muitos que lá estudaram e contavam de como eram bom e aprendiam mesmo” (Mr4).

Percebe-se que mesmos os que não estudaram nessa primeira escola sabem contar um pouco de seu sistema de ensino, porque moravam no município e todos comentavam como funcionavam a mesma.

Assim, Santos (2007. P.81) diz que: “São muitas as tentativas de historiadores, em diversos campos do saber histórico, de delimitar fronteiras, aproximações e entrecruzamentos entre as concepções de história e memória que na atualidade têm definido essas formas de interpelação e usos do passado”.

Saber entrelaçar as memórias individuais com as coletivas é importante na hora da escrita de uma determinada pesquisa, toda história tem mais de uma versão, tudo dependerá dos meios pelos quais a mesma está sendo buscada, cabendo ao historiador ser imparcial.

Quem poderia estudar nas escolas e como alunos e professores se portavam em sala de aula?

A busca por resposta está presente em todos os momentos da pesquisa, questionamentos que gritam por elucidação, que estão escondidas em memórias e que precisam ser conhecidas e escritas, assim se perguntou: Quem poderia estudar na escola? Alunos de outras regiões eram atendidos na referida escola? (Tabela 3).

Tabela 3. Quem poderia estudar na escola

Mr 1	“Quem pudesse pagar, os de outra região ficavam internos, as mulheres no convento, vinha gente dos arredores buscar mais aprendizados na escola dos padres”.
Mr 2	“Todos os fazendeiros ricos colocavam seus filhos, ou seja, quem tinha dinheiro estudava, atendia a todos que tivesse as condições para pagar e ficar interno”.
Mr 3	“Os ricos estudavam na escola dos padres e os pobres tiveram que esperar a pública chegar”.
Mr 4	“Minha família não pôde me colocar na escola dos padres, então eu aprendi a ler em casa e depois que chegou a escola pública eu fui estudar lá, sendo bem dividido, a escola dos ricos e a dos pobres, era assim que eu e muitos sentia”.

Percebendo assim que a primeira escola veio para ensinar, porém, somente os ricos poderiam dispor de seu rigoroso sistema de ensino, muitos almejavam adentrar suas portas e adquirir um conhecimento de qualidade. Percebeu-se que suas memórias pareciam se aflorar conforme relatavam sobre o ensino da época, pareciam está vivendo aqueles momentos históricos. Identificando assim a importância da busca pelas memórias vivas de uma sociedade, conversar com uma memória viva e registrar, é resgatar nossa própria história como indivíduos de uma sociedade coletiva.

A disciplina e o respeito pairavam sobre alunos e professores, as regras deveriam ser seguidas à risca, assim, a seguinte pergunta foi dirigida aos entrevistados: Como os alunos se portavam em sala de aula? Como eram os professores?

“O comportamento ia para o boletim, os professores eram muito rígidos e não dispensavam nada, o comportamento e exigência vinham desde a vestimenta” (Mr 1).

“Quando me tornei professora nunca cheguei a castigar um aluno, os alunos eram bem diferentes, educados, se portavam muito bem, professores eram rígidos e ensinavam tudo. Os alunos chegavam, sentavam e faziam suas atividades” (Mr 2).

“Era tranquilo, um comportamento adequado, todos tinham medo do castigo. Os professores eram gente boa, tratavam todos bem, mas tinham que respeitar e seguir na linha, sem fazer danoção ou ia para o castigo” (Mr 3).

“Os alunos depois que chegavam na sala só saíam para ir ao banheiro e se o professor mandasse fazer algo, todos se empenhavam em fazer as tarefas o mais perfeito possível, assim não seriam punidos. Os professores eram bons, mas muito rígidos” (Mr 4).

Percebendo assim que todos queriam aprender, respeitavam os professores e realmente estudavam para passar de ano, todos já sabiam dos castigos e como os professores não perdoavam mal comportamento, por isso todos cumpriam seriamente suas obrigações.

Em relação a essa disciplina diante do ensino, Souza (2008, p.38) diz que: “A ela foi dada

a missão de formar crianças imbuídas de “valores e virtudes morais, normas de civilidade, amor ao trabalho, respeito pelos superiores, apreço pela pontualidade, pela ordem e asseio”.

Atribuindo assim a importância da escola e dos professores na formação pessoal e profissional de todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem da época, um processo de ensino rigoroso e linha dura.

Como era o sistema de ensino empregado na referida escola e para onde os alunos iam depois do colegial?

Estudar era o sonho de muitos jovens antes e depois da chegada da primeira escola em Grajaú, porém, nem todos puderam estudar nela, por seus pais não terem condições financeiras. Desse modo, se fez o seguinte questionamento a quem estudou na mesma e quem estava no município na época de sua implantação: Como era o ensino? Quais disciplinas eram ensinadas? Até qual série os alunos poderiam estudar em Grajaú? (Tabela 4)

Tabela 4. Sistema de ensino e as disciplinas ensinadas na época

Mr 1	“Ensino regular, até a 5ª série, eram ensinados: Português, Matemática, Geografia, História, noções de Ciências, Religião, Civilidade e para as mulheres tinham de como ser uma boa dona de casa, disciplina específica para ensinar os afazeres de casa”.
Mr 2	“Ensino rígido e eficaz, ensinavam: alfabetização, português, matemática, precisamente as quatro operações, até a quarta série. O ginásio já veio a partir de 1950, Gomes de Sousa, o dos padres, mas eu já tinha aprendido tudo na fazenda”.
Mr 3	“As principais matérias eram: Português, Matemática, Ciências para estudar o corpo humano, Geografia, História, até a 5ª série. O ensino era rígido e todos tinham que obedecer sem questionar o professor, o professor era a lei máxima”.
Mr 4	“Na fazenda só víamos Português e Matemática, depois que fui estudar na cidade é que pude estudar as outras disciplinas. Meus professores eram rígidos, mas o ensino era de qualidade e todos aprendiam com facilidade”.

Percebe-se que basicamente sete disciplinas eram ensinadas, onde os alunos estudavam o dia todo, então cada uma tinha seu rigor próprio.

“Para cada disciplina, cada prova tinha duas etapas, uma escrita e a outra oral, tinha que estudar bastante para defender para os professores, que formavam uma banca com três professores para avaliar cada aluno” (Mr 1).

Para Sanfelice&Siquelli (2016, p.29), A educação é um agente transformador seja qual for a época em que esteja empregada, “ao mesmo tempo, um dos problemas sociais enfrentados numa sociedade de classes, expressando, tal qual nas outras esferas da vida, a desigualdade social, mas que, na busca pela superação dos problemas e dilemas da sociedade, [...]”

Quando terminava os estudos em Grajaú muitos alunos paravam por ali e iam ajudar seus pais na lida do campo, mas quem tinha mais condições ia em busca de aperfeiçoar seus estudos e se tornar “doutor”, como diziam os mais velhos, por isso, se perguntou: Terminando o colegial, para onde os alunos se destinavam em busca da continuação de seus estudos? Você saiu de Grajaú para continuar os estudos? Para onde?

“Principalmente para São Luís, só estudei em Grajaú mesmo. O ginásio chegou aqui em 50, estudei e terminei em 1955”. (Mr 1)

“Eu não saí, mas quem saía, ia principalmente para São Luís, São Paulo e Goiânia. Os mais ricos e grandes fazendeiros mandavam seus filhos para estudar no exterior”. (Mr 2).

“Geralmente para São Luís e outras capitais, saí para Goiânia em 1970, comecei a estudar letras, mas não terminei o curso” (Mr 3).

“Muitos saíam para a capital do Estado e outras maiores, mas eu não tive a oportunidade de sair daqui, até porque meus pais eram pequenos agricultores e não tinham condições de me manter em uma capital” (Mr 4).

Percebeu-se que a capital do estado era bastante requisitada, assim como outras grandes capitais, mas, um sonho que só era real para os ricos, sendo a maioria fazendeiros. Os grandes fazendeiros, mandavam seus filhos para estudar no exterior.

Rosa et al (2015, p.164), fala dos direitos diante da educação, “Os direitos, portanto, não são naturais, mas surgem das demandas dos sujeitos em suas relações sociais, de modo que é a configuração da sociedade em aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que determinam as necessidades de proteção aos indivíduos”.

Diretos esse que na época era configurado de acordo com o poder aquisitivo, ainda percebemos isso nos dias atuais, mas são mais sutis. “A educação da época era baseada no poder aquisitivo, a escola não fornecia nada, os alunos deveriam levar todo o seu material necessário ao estudo” (Mr 2).

Antes das primeiras escolas, como os pais faziam para seus filhos estudarem?

Estudar e aprender é o que almejava muitos jovens da época, seus pais mais ainda, “apesar que os pais colocavam mais seus filhos homens para estudar, quando colocavam as filhas era mais para aprenderem a ser uma boa dona de casa e arrumar um bom casamento” (Mr 4).

Estudar também era uma forma da família mostrar seu poder aquisitivo aos demais, buscavam deixar seus filhos mais cultos, por isso, se fez a seguinte pergunta: Antes dessas primeiras escolas chegarem em Grajaú, como os pais faziam para que seus filhos estudassem?

Tabela 5. Como eram os estudos antes das primeiras escolas

Mr 1	“Não tinham, eram pobres. Antes da chegada dos fazendeiros na região não tinha qualquer tipo de educação, todos leigos e sem conhecimento de letras”.
Mr 2	“Contratavam professores particulares para suas fazendas e alfabetizavam todos da região, quem pagava”.
Mr 3	“Conversavam com uma professora e pagavam, tinham que comprar todo o material de estudo”.
Mr 4	“Os fazendeiros se reuniam e contratavam uma professora particular, que ficava alojada em uma fazenda e atendia a todos da região”.

Percebe-se que a Mr1 relatou sua lembrança de antes da povoação do município, antes dos fazendeiros trazerem mais desenvolvimento para o município e os primeiros vestígios de ensino começasse a surgir nas redondezas. “Os fazendeiros foram que começaram a trazer professores de outras localidades para ficar em suas fazendas e ensinar seus filhos e de quem pudesse pagar, depois foi que começou a surgir as aulas particulares na cidade, os professores alfabetizavam em suas casas” (Mr 1).

“O que chamamos hoje de reforço escolar, na época eram os professores que alfabetizavam em suas residências, eles não emitiam certificados, somente alfabetizavam e ensinavam as quatro operações” (Mr 4).

“A partir de 1970 eu pude fazer os boletins, transferências, certificados de conclusão dos alunos, eu tinha minha firma registrada em cartório e por isso poderia emitir a documentação escolar” (Mr 2).

A diversidade de informações é grandiosa e percebe-se que cada um tem suas memórias particulares e de vivência, e que vão surgindo no decorrer das conversas, às vezes sem está no questionário, a conversa vai fluindo e as lembranças vão surgindo naturalmente, engrandecendo ainda mais a história ainda não escrita.

Considerações Finais

Trabalhar a história da fundação da primeira escola de Grajaú – MA foi gratificante e os resultados foram gratificantes para a proporção que o trabalho almejou, que foi contar a história através dos fatos e memórias daqueles que fizeram parte e estiveram presentes na jornada inicial, percebeu-se que os registros são poucos e escassos, que muito ainda falta para que a história dessas primeiras escolas, seja de fato escrita e possa de fato ficar para sempre na história.

Na pesquisa buscou-se responder aos três questionamentos iniciais, sendo eles: Conhecer a trajetória educacional da primeira escola construída no município de Grajaú; percebendo que no decorrer do trabalho tanto de registro escrito como das memórias vivas, que a primeira escola foi particular, ou seja, o ensino seguia o ritmo da época, onde os ricos estudavam nas melhores escolas e lugares e os pobres ficavam com os restos, quando sobrava os restos.

Conhecer os pioneiros da educação básica da cidade analisada; onde os pioneiros foram os padres, que não só contribuíram diretamente com o desenvolvimento educacional do município e seus arredores como dominavam tudo, seus professores eram linha dura e todos os professores eram padres e freiras que estudaram no exterior e trouxeram um ensino de qualidade a Grajaú, onde a disciplina e a ordem eram seguidas à risca.

Como a educação tradicional e os costumes populares influenciavam no período da fundação da escola e seus reflexos no ensino atual; o ensino tradicional era adotado na época por todos os sistemas de ensino (escolas), professores carrascos que não perdoavam uma virgula fora do lugar, mas, os alunos desse período falam da alegria em ter estudado com esses professores, porque realmente aprendiam e todos tinham interesse em aprender, muito diferente dos dias atuais.

Uma tristeza marcou a finalização desta pesquisa: nos depararmos com o fechamento da escola. Percebendo a grandiosidade que foi esta escola para o município, que apesar de ser particular, seu ensino tinha qualidade e contribuiu diretamente com o desenvolvimento educacional do município, deixando um legado de ensino e qualidade, ter tido suas atividades encerradas.

Referências

ALVES, L. A. M. **História da Educação** – uma introdução. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Biblioteca Digital, 2012.

AQUINO, M. J. F. de M. **Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense: processo de formação de uma elite letrada (1949-1958)**. Dissertação (Educação: História, Política, Sociedade) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016.

BARBOSA, J. C. “PELA HORA DA MORTE”: Os efeitos da Segunda Guerra Mundial no custo de vida em São Luís. **São Luís, 2005. Monografia (Bacharelado) – Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), 2005.**

BARROS, J. D’ A. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. 2009.

BICA, A. C. A **Pesquisa em História da Educação: caminhos, etapas e escolhas no trabalho do historiador**. 2012.

CASTRO, C. A. A legislação como fonte para a História da Instrução Primária Maranhense. **Cadernos de História da Educação**, v.16, n.1, p.30-44, 2017.

COSENTINO, M. C. **A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto** (Dissertação, Mestre em Psicologia), Ribeirão Preto – SP, 2013.

DA SILVA, K. M. A. **Obstáculos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia na escola municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro/ Grajaú -MA**. Monografia (Ciências Humanas Geografia) Universidade Federal do Maranhão, Campus Grajaú. 2016.

DE TOLEDO, C. de A. A.; BARBOZA, M. A. A missão dos Franciscanos da Província de Santos Antônio do Brasil no Maranhão e Grão-Pará em meados do século XVII. **Rev. bras. hist. Educ.** v. 17, n. 3, p. 56-84, 2017.

DEGLINOMINI, L de S. **O uso da memória como meio de preservação da história e da cultura social** (Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação à Distância em Gestão em Arquivos da Universidade Federal de Santa Maria), Santa Maria – RS, 2014.

DELGADO, L de A. N; FERREIRA, M de M. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**,v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.

FERREIRA, L. S. **A pesquisa educacional no Brasil: tendências e perspectivas**. 2009.

FONTOURA, Y.; ALFAIA, L.; FERNANDES, A. **A Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas**. 2013.

GUEDES JUNIOR, A. F. C. **Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo. 2011.

MAGALHÃES, L. D. R. **Educação, história e memória: uma aproximação do estudo geracional**. Revista HISTEDBR On-line, n.28, p.99 –105, 2007.

MARINHO, M dos S. **Memória e envelhecimento: uma breve reflexão sobre a função da memória na velhice**. 2016.

MERLO, F; KONRAD, G. V. R. **Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação**. 2015.

MONTEIRO, A.; PAJAÚ, R. BARROSO, T. As leis como fonte para a história da educação na primeira República Maranhense. **Revista Bibliomar**, v. 15, n. 1/2, 2016.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. 1984.

OLIVEIRA, P de S. Sobre memória e sociedade, **Revista USP**, n. 98 , p. 87-94, 2013.

OTTO, Clarícia. **Memória e patrimônio no ensino da história local para os anos iniciais da educação**. 2015.

PADILHA, L. M. de L; NASCIMENTO, M. I. M. A pesquisa histórica e a história da educação, **Revista HISTEDBR On-line**, nº 66, p. 123-134, 2015.

QUEIRÓS, W. P de. [et al]. **Tendências das pesquisas em história e filosofia da ciência e ensino de ciências: o que o enpec e o epef nos revelam?** 2009.

RODRIGUES, G. G; MACHADO, N. T. G. A importância da memória para uma cidade. **Revista Destaques Acadêmicos**, v.2, n. 2, 2010.

ROSA, C de M; et al. **Expansão, democratização e a qualidade da educação básica no Brasil**. 2015.

RUBIM, S. R.F; OLIVEIRA, T. **A imagem como fonte e objeto de pesquisa em história da educação**. 2010.

SANTIAGO JUNIOR, F das C. F. **Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da problemática dos lugares**. 2015.

SANFELICE, JOSÉ LUÍS; SIQUELLI, S. A. **Desafios à democratização da educação no Brasil Contemporâneo**, 1ª edição eletrônica. 2016.

SANTOS, M. P dos. **História e memória: desafios de uma relação teórica**. 2007.

SILVA, E. A; SANTOS, F. L; DENIPOTI, C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em História**, Ponta Grossa. 2011.

SILVA, F. A da. **O ensino de história em perspectiva: a aprendizagem histórica no século XXI**, 2018.